

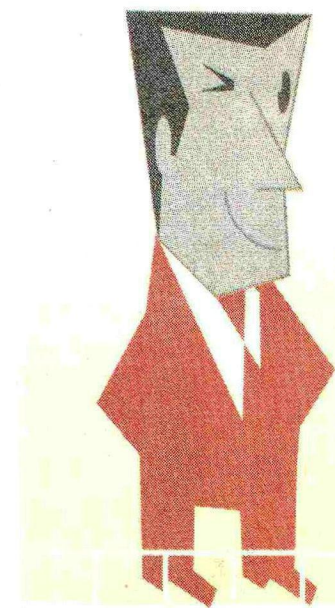
Alta concentração

MARIANA FLORES
DA EQUIPE DO CORREIO

Capital de um dos países mais desiguais, Brasília lidera o ranking das disparidades salariais no território nacional. As diferenças entre os rendimentos dentro do Distrito Federal são as mais acentuadas de todo o Brasil, segundo números do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No centro estão as rendas mais elevadas e, à medida que se distancia do Plano Piloto, as remunerações despencam. A explosão de condomínios no Lago Sul rebaixou a região para o segundo lugar na lista de locais mais ricos do DF.

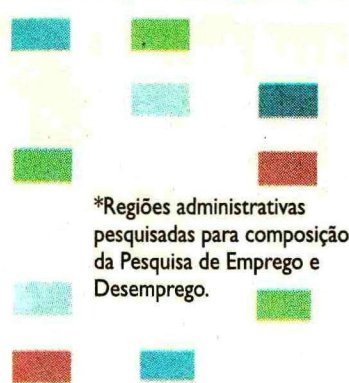
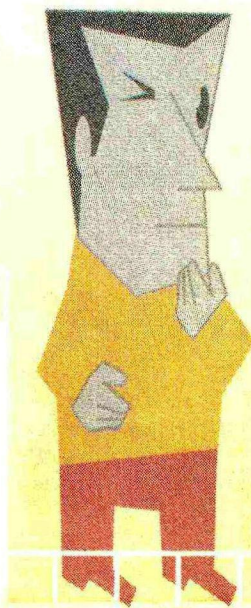
É no Lago Norte que estão concentrados os lares mais abastados. Os moradores da área administrativa ganham em um mês o que uma família do Recanto das Emas leva, em média, sete meses e 12 dias para receber, segundo um estudo elaborado pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) para o *Correio*. As rendas médias das famílias residentes nos dois extremos no DF são de R\$ 6.863 e R\$ 924, respectivamente (veja quadro) — rendimento auferido apenas com o trabalho, sem considerar a renda gerada por bens e propriedades.

Morador da cidade mais pobre do DF, Décio Nascimento, de 66 anos, se vira para sustentar a família composta pela mulher e três filhos com idade entre 29 e 39 anos. A principal fonte de renda vem da pensão por



MÁ DIVISÃO

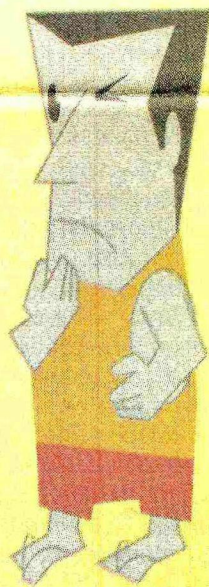
Em média, as famílias do Distrito Federal* têm uma renda de R\$ 2.028. Mas a diferença entre as regiões podem passar de 600%



Fonte: Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese).

Amaro Junior/CB

Lago Norte	R\$ 6.863
Lago Sul	R\$ 6.535
Brasília	R\$ 4.463
Cruzeiro	R\$ 3.938
Guará	R\$ 3.157
Núcleo Bandeirante	R\$ 2.726
Taguatinga	R\$ 2.040
Sobradinho	R\$ 2.016
Candangolândia	R\$ 1.716
Gama	R\$ 1.527
São Sebastião	R\$ 1.481
Riacho Fundo	R\$ 1.296
Samambaia	R\$ 1.286
Planaltina	R\$ 1.233
Brazlândia	R\$ 1.209
Ceilândia	R\$ 1.157
Santa Maria	R\$ 1.023
Paranoá	R\$ 929
Recanto das Emas	R\$ 924



DÉCIO E A ESPOSA LUZINETE, DO RECANTO, IMPROVISARAM UMA VENDA EM CASA

invalidez recebida pelo filho mais velho, Josenilton Nascimento, e da aposentadoria da mulher, Luzinete Maria do Nascimento, de 60 anos. Somados, os dois benefícios dão pouco mais de dois salários mínimos. Mas como a renda é insuficiente para o sustento das cinco pessoas, ele trabalha de 6h às 18h na mercearia improvisada em um dos cômodos de sua casa. Quando consegue vender mais de R\$ 400 por mês, comemora. "As vendas são sempre fracas, as pessoas não têm dinheiro por aqui, mas tem que ter paciência", conta.

O autor do levantamento, Antônio Ibarra, coordenador da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) do DF ressalta que os dados são da média. No Lago Norte, segundo ele, há trabalhadores que ganham até R\$ 100

mil por mês, enquanto no Recanto das Emas há pessoas que recebem abaixo de um salário mínimo. Das cidades brasileiras, apenas quatro têm rendimentos familiares superiores à média do DF, de R\$ 2.028, ou 5,3 salários mínimos. O Cruzeiro, incluindo o Sudoeste, é a primeira delas, com remuneração média de R\$ 3.938, seguido do Guará (R\$ 3.157), Núcleo Bandeirante (R\$ 2.726) e Taguatinga (R\$ 2.040). As populações de todas as outras cidades vivem com menos. "Tem muita gente em Brasília ganhando em torno de um salário mínimo enquanto do outro lado há quase 200 mil pessoas que ganham acima de R\$ 3 mil, que são os servidores públicos. Eles puxam a renda do trabalho", afirma Ibarra.

É no Distrito Federal que os salários pagos no setor público e privado mais se distanciam. As empresas particulares da cidade pagam apenas 26% do valor recebido pelos servidores, consideradas as médias. Nas outras cinco regiões metropolitanas pesquisadas pelo Dieese, a diferença oscila entre 49% e 66%. "Em outras cidades brasileiras a média salarial do setor privado não é tão diferente como no DF. Aqui está a elite do setor público enquanto o setor privado paga mal", analisa o economista Júlio Miragaya, do Conselho Regional de Economia do DF (Corecon-DF).

Pior do que a pobreza

A desigualdade de renda pode gerar mais problemas para uma região do que a pobreza homogênea, segundo o economista da Fundação Getúlio Vargas Marcelo Neri. "Problemas com crimes surgem mais em cidades com desigualdade do que em locais pobres. Onde todo mundo é pobre a atividade criminosa não é lucrativa", explica. Além da violência ser maior, segundo Neri, onde há desigualdade há também uma maior instabilidade política.

De acordo com ele, apesar de ser maior, em Brasília a desigualdade passa mais despercebida que em outras cidades brasileiras em função da distribuição geográfica. "Em Brasília ela fere menos aos olhos, mas está lá", ressalva. Para combater as disparidades, defende, é preciso investir em educação, que é a principal causadora do desequilíbrio. Além de políticas compensatórias de transferência de renda e as ligadas à geração de rendimento, como intermediação de mão-de-obra e de microcrédito, por exemplo.

Aposentados levantam a média

Quanto mais alta é a renda da família, maior é a participação dos aposentados para ajudar a arcar com os custos. Em média, de cada R\$ 100 recebidos pelas famílias do Distrito Federal, R\$ 15,6 são oriundos de aposentadorias. As regiões que abrigam as populações mais ricas da cidade possuem médias superiores a esse volume. Nos lagos Norte e Sul a contribuição dos aposentados para a renda familiar é de 25,1% e 23,9%, respectivamente. No Plano Piloto eles respondem por 18,6% do rendimento mensal. Já nas cidades mais pobres, como Recanto das Emas e Paranoá, a participação despencou para 6,7% e 8,4%, respectivamente, segundo o estudo do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese).

E independentemente da classe social, grande parte desses trabalhadores continua trabalhando. "Nas regiões mais pobres eles trabalham para complementar a renda e, nos locais mais ricos, para permanecerem ativos", explica o coordenador do estudo, Antônio Ibarra. Pelos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 64% dos aposentados brasileiros sustentam suas famílias. Muitos se mantêm tra-

Paulo de Araújo/CB



APOSENTADA, LUCILIA MANTÉM-SE ATIVA E COMPLEMENTA A RENDA

balhando para garantir o sustento da família, mesmo que seja somente para não deixar o padrão de vida cair.

Nesse caso se enquadra a professora universitária aposentada Lucilia Garcez, de 56 anos, moradora do Lago Norte, região onde moram as famílias mais ricas do DF, segundo o levantamento. Nos últimos cinco anos ela tem ministrado palestras e prestado con-

sultoria a órgãos do governo federal não só para se manter em atividade, como para complementar a renda da família, formada ainda por sua mãe e duas filhas. "Eu me sinto mais útil e ativa trabalhando, mas o que eu recebo é importante também. Se eu fosse viver do meu salário de aposentada ia viver muito apertada. Para ter uma folga eu tenho que trabalhar", afirma. (MF)